

MINI-HISTÓRIAS COMO NARRATIVAS DO COTIDIANO EDUCATIVO-PEDAGÓGICO: INTERAÇÕES ENTRE ADULTOS E BEBÊS

Maria Grazielle Santos Santana¹

Tacyana Karla Gomes Ramos²

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão/SE – Brasil, santosmariagrazielle8@gmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Professora da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE – Brasil, tacyanaramos@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo central compreender como as mini-histórias produzidas no cotidiano educativo-pedagógico de uma turma de bebês revelam e valorizam as interações entre adultos e crianças no primeiro de vida, reconhecendo os/as bebês como sujeitos ativos nas relações sociais das quais participam. Trata-se de uma pesquisa de cunho narrativo realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a partir da observação, participação e acompanhamento das vivências socioculturais de dois bebês (sujeitos focais) em interação social com estudantes do PIBID e adultos integrantes de uma turma composta por doze crianças, uma professora e três educadoras auxiliares de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Tempo Integral (EMEITI) situada em Aracaju/SE. Os registros dessas experiências socioculturais foram realizados em narrativas denominadas de mini-histórias. A pesquisa está alicerçada em autores que discutem acerca da Educação Infantil e utilização das mini-histórias como narrativas pedagógicas que dão visibilidade a um determinado contexto eleito para observação/análise, que no presente estudo são as interações entre bebês e adultos educadores. A partir dos dados produzidos, evidenciou-se que os/as bebês são sujeitos ativos, protagonistas e potentes em suas interações com os adultos no cotidiano da Educação Infantil que se tornaram visíveis nas narrativas visuais e descritivas que compõem as mini-histórias construídas. Destaca-se a importância de práticas pedagógicas sensíveis às interações de bebês e modos de registros que possam dar visibilidade a essa riqueza interativa que ocorre na docência com crianças do primeiro ano de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Mini-histórias. Interações entre adultos e bebês. Educação Infantil. PIBID.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, organizada em ciclos etários denominados de creches (atendimento educacional de zero aos três anos) e pré-escolas (atendimento educacional destinado às crianças de três e quatro anos), caracterizando-se como um período fundamental para o desenvolvimento das crianças (Brasil, 2010).

Durante muito tempo, a Educação Infantil passou por diversas mudanças históricas e, quando falamos em creche, isso é ainda mais evidente, principalmente com o objetivo de garantir uma melhor qualidade na educação e no desenvolvimento integral das crianças com idades de zero a três anos.

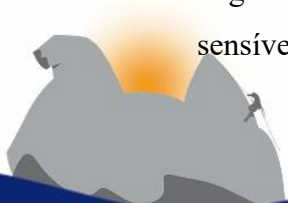
Como afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 12), é proposto um “conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos [...] de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade”. Ainda em consonância com este documento normativo, defendemos e trazemos nesse estudo o conceito de criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2010, p. 12)

Ademais, corroboramos com Kramer (1999, p. 1), quando reforça que “a Educação Infantil tem papel social importante no desenvolvimento humano e social”. Tratando-se da educação de bebês, é ainda mais impactante esse desenvolvimento na vida das crianças, pois se refere à faixa etária de zero a um ano e seis meses, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

O presente estudo foi motivado pelo interesse em demonstrar como as mini-histórias, consideradas como ricas narrativas pedagógicas e, ao mesmo tempo, documentações pedagógicas, revelam e valorizam as interações entre adultos e bebês no cotidiano educativo-pedagógico das turmas de bebês.

Ademais, os encontros formativos do Programa de Iniciação à docência (PIBID) sobre a construção de mini-histórias despertaram ainda mais esse desejo de pesquisar sobre elas, além das próprias vivências riquíssimas em escola-campo com a professora, profissionais auxiliares e principalmente com os/as bebês. Tudo isso dentro do cotidiano educativo-pedagógico, que provoca tantas interações e sutilezas que muitas vezes são ignoradas. Por esse motivo, reconhecemos que as mini-histórias são uma excelente escolha para dar essa visibilidade. Segundo Fochi (2019b, p. 17): “É exatamente na busca por formas de comunicação mais sensíveis ao mundo das crianças que surgem as mini-histórias”.



Nessa pesquisa escolhemos como participantes dois bebês focais, que tinham sete e nove meses em fevereiro de 2026, uma professora e três profissionais auxiliares de uma turma de bebês integrantes de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Tempo Integral (EMEITI), situada em Aracaju/SE. Os nomes de todos os participantes foram preservados, sendo utilizados nomes fictícios nas mini-histórias que serão relatadas.

Ao realizar a revisão de literatura, foi possível corroborar com autores que estudam sobre a temática, como Fochi (2019) que traz as “mini-histórias como as rapsódias da vida cotidiana que, ao serem narradas textual e imagetivamente, tornam-se especiais pelo olhar do adulto que as acolhe, interpreta-as, e dá valor para a construção da memória pedagógica”; Prado (2013) trazendo a explicação de que as narrativas pedagógicas são “os dizeres e escritos dos professores e profissionais da escola [...] produzidos com o propósito de compartilhar saberes e conhecimentos a partir da reflexão sobre a própria experiência [...]”; Galvani (2016) compreendendo que a documentação pedagógica é “um processo de visualização, é poder enxergar visualmente o que os educadores selecionam como valioso, a voz que dão às crianças. Esse material precioso depende do olhar do professor, do olhar que escuta[...]”, e Barbosa (2010), quando afirma que “para os bebês, a ida para a creche significa a ampliação dos contatos com o mundo [...]”.

Conforme o que foi apresentado, este estudo tem como objetivo central compreender como as mini-histórias produzidas no cotidiano educativo-pedagógico de uma turma de bebês revelam e valorizam as interações entre adultos e crianças no primeiro de vida, reconhecendo os/as bebês como sujeitos ativos nas relações sociais das quais participam. A pesquisa tem como base os dados empíricos produzidos durante as atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a partir da observação, participação e acompanhamento de bebês em interação com adultos, bem como do registro dessas vivências por meio da produção de mini-histórias, no contexto de uma turma de crianças no primeiro ano de vida.

METODOLOGIA



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa que corrobora com Godoy (1995, p. 62) ao afirmar que “os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural”. Ademais, utiliza-se de procedimentos de pesquisa bibliográfica, ao passo em que há um estudo de autores para fundamentar teoricamente a produção de dados produzidos. Em campo de estudo, foi realizada em uma turma com doze bebês, com idades entre nove e onze meses, integrantes de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Tempo Integral (EMEITI), situada em Aracaju/SE, tendo como sujeitos focais dois bebês que possuíam sete e nove meses, uma professora e três educadoras auxiliares.

O contexto da pesquisa foi constituído através de atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), enfocando as primeiras vivências de bebês em processos de inserção no ambiente educativo-pedagógico, durante os três primeiros meses do ano de 2026, por 4 horas semanais distribuídas em dois dias de permanência na turma de bebês.

Além disso, a produção de dados se deu através de observações participante no cotidiano, compactuando com o que apontam Cardona, Cordeiro e Brasilino (2014, p. 124) acerca da “participação e a observação como partes de um mesmo processo de produção de conhecimento”. Acrescenta-se que foram produzidos registros visuais por meio de pequenas videograções, que depois foram “printadas” em fotos da sequência de ações que se desejava destacar, analisadas, posteriormente produzindo os textos escritos e organizados em mini-histórias, de acordo com o conceito de Fochi (2019). As narrativas produzidas foram organizadas em temas, sendo utilizadas nessa pesquisa dois, sendo eles: (i) interações de bebês com a professora e (ii) interações de bebês com as educadoras auxiliares. A organização em temas foi sugestão dada pela professora-orientadora do presente estudo e coordenadora do PIBID/Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal de Sergipe.

A análise dos dados foi realizada a partir da leitura das mini-histórias produzidas, buscando identificar as interações estabelecidas entre os/as bebês e os adultos no cotidiano educativo-pedagógico, sendo interpretadas à luz da ideia de criança potente e protagonista. A pesquisa respeitou os princípios éticos que orientam os estudos com seres humanos, especialmente o resguardo das imagens originais e nomes dos participantes.

Desse modo, as fotografias e filmagens fazem parte do acervo produzido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Núcleo de Pedagogia, com autorização de registros efetivada pela Secretaria Municipal de Educação de Aracaju/SE, direção da escola-campo e famílias das crianças, preservando a identidade dos/as participantes. Ressalta-se que os dados produzidos foram autorizados para utilização unicamente para fins acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de tudo, é importante frisar que a invisibilidade com que a infância é tratada possui raízes históricas marcantes e complexas. Quando se trata de bebês, esse apagamento torna-se ainda mais evidente e a marginalização permanece nos dias atuais. Segundo Ariès (1981, p. 44) “a infância era apenas uma fase sem importância [...]”. Em concordância, compreendemos que as crianças não eram vistas como seres humanos com necessidades distintas dos adultos, até que, durante um período de grandes transformações sociais, econômicas e políticas, as mulheres passaram a ingressar no trabalho nas indústrias, modificando a sua rotina, que era restrita ao lar e ao cuidado dos filhos e do marido. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras instituições voltadas ao cuidado e proteção das crianças enquanto suas mães trabalhavam. Com isso, Didonet (2001, *apud* Paschoal e Machado, 2009, p. 80), afirma “sua origem, na sociedade ocidental, [...], baseia-se no trinômio: mulher-trabalho-criança”.

Em seguida, surgiram as creches que, como apontam Paschoal e Machado (2009, p. 81) “no Brasil, [...] a creche foi criada exclusivamente com caráter assistencialista [...]”. Por esse motivo, a educação de bebês ainda permanece esquecida e desvalorizada pela comunidade escolar e pelas famílias, portanto reforço a importância de ampliar os estudos sobre a educação de bebês e suas especificidades pedagógicas, a fim de enfrentar a pouca visibilidade que ainda persiste nessa etapa. Concorde-se com Santos (2020, p. 525), ao afirmar: “não falar do grupo de bebês é não enxergar quem nele trabalha e frequenta (as professoras e os bebês).”

Acrescenta-se que, em contraponto a essa visão, queremos trazer as mini-histórias como narrativas potentes dos/as bebês em suas relações sociais com os adultos no contexto educacional. Como afirma Fochi (2019b, p. 19):



Ao reconhecer a mini-história como uma das formas de testemunhar a respeito das crianças, da docência e da própria escola, entendo essa forma episódica de comunicar como uma breve narrativa imagética e textual em que o adulto interpreta os observáveis de modo a tornar as rapsódias da vida cotidiana.

Diante do exposto, faremos uma análise de duas mini-histórias que foram construídas no cotidiano educativo-pedagógico.

Mini-história 1 - “Busca pelo colo da professora”

Busca pelo colo da professora

Maria estava observando a professora Josefa quando começou a se aproximar dela, engatinhando. Josefa, apontando para a própria cabeça, disse: “Eu me liguei, sabia que uma pessoinha queria que eu ficasse com ela no colo”, referindo-se a Maria.



Quando ela chega até a professora, Josefa a coloca no colo, dando vários beijinhos e abraços apertados, cheios de carinho.



Fonte: Registros visuais e escritos produzidos pela pesquisadora Maria Grazielle durante o período de observação (fevereiro de 2026).

Nessa mini-história, fica em evidência a iniciativa de Maria (nove meses) na busca pela professora, demonstrando que, mesmo sendo bebê, ela se coloca ativamente na relação ao deslocar-se até a docente, sinalizando seu desejo por proximidade social. Esse movimento revela sua capacidade de se comunicar por meio de gestos e olhares, mostrando que a bebê não está em uma posição passiva, mas se envolve ativamente nas interações diárias na instituição de Educação Infantil.

Nesse sentido, corrobora-se com as autoras Arruda e Nascimento (2019), que destacam o bebê:

[...] como pessoa, é um ser humano, indivíduo perante a lei que possui direitos, e como sujeito, é aquele que está suscetível e passível desses direitos. O bebê, nas condições de sujeito e pessoa, é aquele que, apesar de estar suscetível e passível de alguém ou alguma coisa, é também um ser humano autônomo, que tem suas vontades, suas escolhas, seus desejos e que possui direitos, entre eles, direito à liberdade. (Arruda e Nascimento, 2019, p. 984).

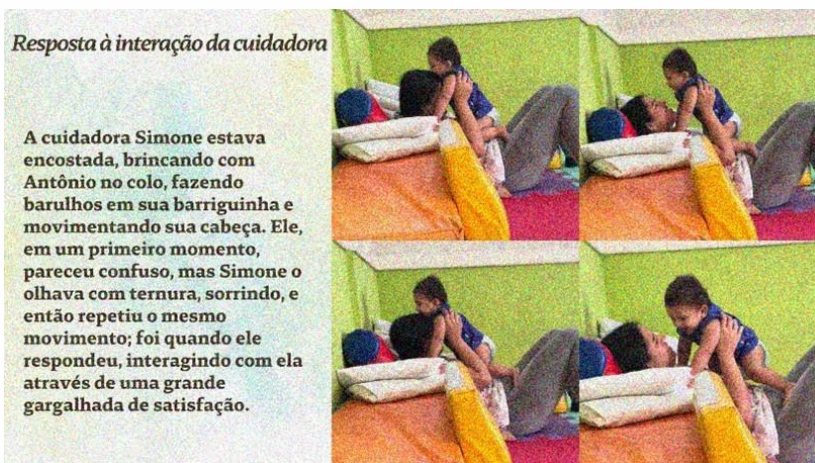
Conforme observamos, a resposta social e afetiva da professora, ao receber Maria em seu colo, evidencia sensibilidade e atenção às necessidades da bebê, estabelecendo uma interação baseada na escuta sensível, sendo caracterizada, de acordo com Rosário, Silva e Cavalcante (2025, p. 106), como “um elemento essencial para promover uma educação centrada na criança, que respeita seu ritmo, interesses e autonomia, reconhecendo-o como sujeito de direitos e protagonista de seu processo[...]” e no reconhecimento de suas demandas. O gesto de acolher e a permanência da criança em contato próximo demonstram a dimensão afetiva presente na relação entre a professora e a bebê, na qual o cuidado está ligado ao processo educativo. Como afirma Pasqualini e Martins (2008, p. 77), “se mostra impossível dissociar cuidado e educação, ou seja, [...] é impossível cuidar de crianças sem educá-las [...]”.

Nesse contexto, o momento do colo e de carinho muitas vezes passa despercebido ou é visto como desnecessário, porém revela-se como uma situação rica em interações e aprendizagens. Em concordância com isso, a mini-história permite tornar visível esse tipo de interação rica, valorizando ações que, no cotidiano, poderiam passar despercebidas. Conforme Paulo Sergio Fochi (2019a, p. 231):

A partir de uma breve narrativa imagética e textual, o adulto interpreta esses observáveis de modo a tornar visíveis as rapsódias da vida cotidiana. Essas rapsódias são fragmentos poéticos, portanto sempre episódicos, que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo, tornam-se especiais pelo olhar do adulto que acolhe, interpreta e dá valor para a construção de uma memória pedagógica.

Mini-história 2 - “Resposta à interação da cuidadora (educadora auxiliar)”





Fonte: Registros visuais e escritos produzidos pela pesquisadora Maria Grazielle durante o período de observação (fevereiro de 2026).

A interação entre Antônio (sete meses) e a educadora auxiliar demonstra um processo de troca que se baseia nas ações de cada um. Ao focar na educadora e reagir às suas expressões com vocalizações e expressão facial alegre, o bebê mostra envolvimento na interação, evidenciando sua habilidade de participar ativamente das relações cotidianas no contexto educativo. À luz do que defendem Gobbato e Barbosa (2017), observa-se que:

Precisamos compreender que os bebês nos apresentam outro modo de ser “criança”, de conceber uma “escola”, de viver um “currículo” e de exercer a “docência”, sobre qual precisamos aprender e também respeitar. Não podemos esperar que os bebês virem “crianças” para que, só então, tenhamos uma escola com proposições pedagógicas que os “enxerguem” e contemplem. Já é tempo de pensarmos o espaço da Escola Infantil como um espaço dos/para e construído com os bebês [...], e não um espaço arranjado, improvisado para eles. Para isso é preciso olhá-los, escutá-los em suas diferentes sonoridades, observar seus gestos, suas expressões, escutar com atenção seus choros, perceber e permitir suas iniciativas. Estar com eles, e aprender com os bebês (p. 32).

Ao manter o contato visual e continuar a interação, a educadora demonstra uma atitude responsiva, na qual as ações do bebê são reconhecidas e valorizadas. Essa reciprocidade ajuda a criar uma interação significativa e afetiva, em que há troca e continuidade, mesmo quando é mediada por meios de comunicação não verbais, além de estabelecer um vínculo afetivo importante para o bebê que frequenta a educação infantil:

A afetividade é de suma importância nas interações no ambiente escolar e na vida. As habilidades socioemocionais favorecem a aprendizagem e sobretudo fortalecem a autonomia, a cidadania e a autoestima. As brincadeiras e as interações são ferramentas importantes para o desenvolvimento dos sentimentos e das emoções dentro e fora dos muros da escola. Sendo assim, a afetividade contribui de forma efetiva para a formação de um cidadão capaz de compreender e acolher o outro. (Oliveira e Santos, 2022, p.7)

O cenário social mostra que as interações na turma de bebês vão além da ação do adulto, sendo processos compartilhados em que o/a bebê também participa, responde e dá significado às experiências que participa. Nesse contexto, a mini-história ajuda a tornar essas relações sociais visíveis, enfatizando a importância das interações no cotidiano educativo-pedagógico, sendo ele:

Um catalizador das experiências de aprendizagem vivenciadas pelas crianças diariamente nas instituições. Isso porque, nas situações ordinárias da vida, no cotidiano, ocorrem aprendizagens que servem de vias de acesso para a compreensão dos funcionamentos sociais que são construídos e que constroem a relação das crianças com o mundo. (Carvalho e Fochi, 2017, p. 15)

Destacamos também que esse processo de escrita e reescrita das mini-histórias nos faz um convite para “[...] lançar-se para a frente. Ver-se e rever-se. É envolver-se com o resgate do seu processo criativo, que envolve, necessariamente, o resgate da sua palavra” (Ostetto, 2012, p. 25). Além de ser uma documentação pedagógica riquíssima que mostra a riqueza do cotidiano pedagógico tendo as crianças e os adultos como protagonistas, como queremos mostrar nesse estudo. De acordo com Vanessa Marques Galvani (2016, p. 53):

A documentação pedagógica é um processo de visualização, é poder enxergar visualmente o que os educadores selecionam como valioso, a voz que dão às crianças. Esse material precioso depende do olhar do professor, do olhar que escuta, do olhar que questiona, e não apenas o que deseja mostrar aos pais, pois é tornar evidente para si mesmo e para as crianças suas potencialidades e suas experiências.

Ademais, é necessário dizer que, ao construir essas narrativas, o escritor precisa ter um olhar atento e cuidadoso para as cenas registradas. Diante disso, segundo Fochi (2019b, p. 23) explica que “escolher contar algo sobre as crianças diz muito mais do que querer contar tudo. Ao mesmo tempo em que narramos sobre as crianças que protagonizam as histórias, também estamos falando sobre a infância [...]”.

Conforme observamos, ambas as mini-histórias aqui apresentadas revelaram a presença da afetividade nas relações entre adultos e bebês, a participação ativa de cada bebê nas interações e a importância de um adulto disponível para responder ao bebê, compreendendo-o como sujeito singular.

Por fim, reforça-se, de acordo com Santos (2020, p. 525), que:

[...] falar da Educação Infantil, dos bebês e das professoras de bebês é anunciar para a sociedade que na categoria Professores existem aqueles que trabalham com bebês. Ver, olhar, se interessar pelos bebês e pelas professoras, [...] é um compromisso ético-político que cada um de nós pode assumir numa sociedade que ainda discrimina grupos humanos, profissionais e profissões (Santos, 2020, p. 525).

CONCLUSÕES

O estudo destaca como as mini-histórias revelam e valorizam as interações entre adultos e bebês no contexto da Educação Infantil. Em consonância, com base nas análises das narrativas apresentadas, evidenciou-se a presença da afetividade nas interações, além de demonstrar a participação ativa de bebês nas relações sociais que lhes cativaram interesse por meio da linguagem não verbal. Como afirma Malaguzzi (2016), a criança possui cem linguagens. Ademais, os/as bebês se constituem como sujeitos ativos nas interações cotidianas e as mini-histórias permitem compreender de maneira sensível o cotidiano como espaço de interações e aprendizagens ricas na Educação Infantil.

Desse modo, torna-se necessário dar visibilidade aos/às bebês em seus momentos interacionais com os adultos, tendo como estratégia os registros em mini-histórias, pequenas narrativas potentes do cotidiano educacional.

Além disso, essas narrativas buscam desmistificar a ideia equivocada que ainda persiste na sociedade, de que bebês não aprendem, nem produzem conhecimento em espaços educativo-pedagógicos, o que faz com que a educação escolar no início da vida seja negligenciada e carente de maiores investimentos políticos. Nesse sentido, Gobbato e Barbosa (2017, p. 31) explicam que “a ideia que ainda faz parte do imaginário de ser professor, de que uma “atividade” é apenas aquilo que o adulto pede às crianças e elas fazem todas ao mesmo tempo, perpetua o mito de que os bebês [...] não fazem nada.”

Este estudo contribui para a valorização da educação de bebês por um olhar mais amplo das sutilezas interacionais do cotidiano educativo-pedagógico como indispensáveis na Educação Infantil. Por fim, destaca-se a importância de práticas pedagógicas sensíveis às interações, de uma documentação pedagógica que destaque esse aspecto e ressalta-se a necessidade de um adulto atento e disponível nas turmas de educação de bebês.

REFERÊNCIAS

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Pedagogia

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARRUDA, Glacione Ribeiro da Silva; NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. Quem são os bebês? Perspectivas e possibilidades para a construção de um conceito. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 981-1018, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/29156>. Acesso em: 14 abr. 2026.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. [S.I.]: [s.n.], ago. 2010. Disponível em: <https://legado.moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=497672&forceview=1>. Acesso em: 14 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. 36 p. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em 14 abr. 2026.

CARDONA, Milagros García; CORDEIRO, Rosineide Meira; BRASILINO, Jullyane. **Observação no cotidiano**: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. In: SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Issac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (orgs.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014. p. 124–148.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sergio. A pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 15-19, set./dez. 2017. Disponível em: <https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2021/10/pedagogia-do-cotidiano-na-e-da-educacao-infantil.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2026.

FOCHI, Paulo Sergio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil–OBECI. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019a. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072019-131945/pt-br.php>. Acesso em: 14 abr. 2026.

FOCHI, Paulo (org.). **Mini-histórias**: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019b. P. 11-28.

GALVANI, Vanessa Marques. **Uma nova lente para o professor**: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/24962>. Acesso em: 14 abr. 2026.

GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na educação infantil: tão perto, tão longe. **Revista**

Humanidades e Inovação, Araguaína, v. 4, n. 1, p. 21–26, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/289>. Acesso em: 14 abr. 2026.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil. *Revista Textos do Brasil*, Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000082.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2026.

OLIVEIRA, Gisele Coelho de; SANTOS, Jaqueline da Silva Conceição. A importância das interações e das brincadeiras no contexto da educação infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2022, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/89809>. Acesso em: 14 abr. 2026.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 33, p. 78–95, mar. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555/7124>. Acesso em: 14 abr. 2026.

PASQUALINI, Juliana Campregher; MARTINS, Lígia Márcia. A Educação Infantil em busca de identidade: análise crítica do binômio “cuidar-educar” e da perspectiva anti-escolar em Educação Infantil. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 27, p. 71-100, 2. sem. 2008. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n27/v27a05.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2026.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 4, n. 10, p. 149–165, 2013. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/537>. Acesso em: 14 abr. 2026.

REGGIO CHILDREN; ESCOLAS E CRECHES DA INFÂNCIA DE REGGIO EMILIA. **As cem linguagens em mini-histórias**: contadas por professores e crianças de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2021.

ROSÁRIO, Elaine de Holanda; SILVA, Viviane dos Reis; CAVALCANTE, Thainy Kléia Lira. A mini-história como narrativa potente sobre o cotidiano e o protagonismo das crianças na creche. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos *et al.* (org.). **Educação Infantil em diálogo**: docências, infâncias e possibilidades. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 101-120.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. A solidão profissional de professoras de bebês. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 512-531, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2020.46690>. Acesso em: 14 abr. 2026.